

PAOLA PERETTI

A  
Distância  
até a  
Cerejeira



 Planeta

A  
Distância  
até a  
Cerejeira

PAOLA PERETTI

A  
Distância  
até a  
Cerejeira

*Tradução*  
Flavia Baggio

 Planeta

Copyright © Paola Peretti, 2018

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019

Título original: *La Distanza tra Me e il Ciliegio*

Originalmente publicado em italiano pela Rizzoli Libri, Milão, e primeira edição em inglês publicada como *The Distance Between Me and the Cherry Tree* pela Hot Key Books, um selo da Bonnier Zaffre Limited, Londres.

Todos os direitos reservados.

Preparação: Karina Santos Rodrigues

Revisão: Tamara Sender e Laura Vecchioli

Diagramação: Vivian Oliveira Assahd

Ilustrações de capa e miolo: Carolina Rabei

Capa: adaptada do projeto gráfico original de Nick Stearn

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Peretti, Paola

A distância até a cerejeira / Paola Peretti; tradução de Flavia Baggio. – São Paulo: Planeta, 2019.

224 p.

ISBN: 978-85-422-1679-0

Título original: *La Distanza tra Me e il Ciliegio*

1. Literatura infantojuvenil 2. Crianças deficientes visuais - Literatura infantojuvenil I. Título II. Baggio, Flavia

19-1006

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

2019

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4<sup>o</sup> andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

*A Anna e Mario,  
incríveis narradores, leitores, cozinheiros,  
cabeleireiros, motoristas, estilistas, professores,  
psicólogos, comediantes, educadores, amigos, avós.*

*Ou seja, mamãe e papai.  
Vocês fizeram tanto, e fizeram bem.  
Digam isso às crianças que vocês foram, por favor.*



PARTE UM

*Setenta metros*



# 1

## O escuro

Todas as crianças têm medo de escuro.

O escuro é um quarto sem portas nem janelas, com monstros que nos prendem e nos devoram em silêncio.

Eu tenho medo só do meu escuro, aquele que tenho dentro dos olhos.

Não estou inventando. Se estivesse inventando, a mamãe não me compraria doces em formato de pêssego com creme e licor e não me deixaria comê-los antes do jantar. Se tudo estivesse bem, o papai não se esconderia no banheiro como faz quando a proprietária da casa liga, porque, sempre que liga, ela dá más notícias.

— Não se preocupe. — Mamãe me diz enquanto lava a louça do jantar. — Vá brincar no seu quarto e não pense em nada.

Fico ainda um tempo na porta da cozinha, tentando usar a força do pensamento para fazer com que mamãe se vire na minha direção, mas isso nunca funciona. E agora estou aqui, no meu quarto, fazendo carinho em Ótimo Turcaret, o meu gato cinza e marrom com um nó na ponta do rabo. Ele não se importa de ser puxado, remexido sobre o tapete ou perseguido com a escovinha do banheiro. É um gato, o papai diz, e os gatos são interesseiros. Talvez isso queira dizer que eles gostam de atenção. Para mim, basta que ele esteja disponível quando tenho um problema e preciso apertar algo quente e fofo. Como agora.

Eu sei que tem algo errado. Eu sou apenas uma menina do quarto ano, mas percebo tudo. A namorada do meu primo diz que eu tenho o terceiro olho. Ela é indiana e tem um pontinho pintado no meio da testa. Eu gosto que ela ache isso, mas para

mim seria suficiente que pelo menos os dois olhos que já tenho funcionassem.

Às vezes tenho vontade de chorar, como agora. Quando estou prestes a chorar, meus óculos começam a ficar embaçados. Eu os tiro, assim pelo menos eles secam e a marca vermelha sai do meu nariz. Eu uso óculos desde o primeiro ano. Nós compramos esses amarelos com brilhaços em dezembro do ano passado e eu gosto muito deles. Coloco-os novamente em frente ao espelho.

Sem os óculos, vejo tudo dentro de uma névoa, como quando tomo banho com muita água quente. A minha névoa se chama Stargardt, ou pelo menos foi isso que meus pais me disseram que ouviram no hospital. No celular *touch* do papai, que tem até internet, está escrito que o senhor Stargardt era um oculista alemão de cem anos atrás: foi ele quem descobriu o que acontece dentro dos meus olhos. Ele descobriu também que quem tem essa névoa começa a ver manchas pretas nas coisas e nas pessoas, e essas manchas ficam maiores, e depois gigantes. Assim, quem tem as manchas deve chegar cada vez mais perto das coisas para poder ver melhor. A internet diz: “A doença afeta aproximadamente uma em cada dez mil pessoas”. Segundo mamãe, Deus escolhe as pessoas especiais, mas não me sinto tão sortuda quando penso nisso.



## 2

# Coisas que eu gosto muito (e que não poderei mais fazer)

Eu me vejo no espelho a uma distância de três passos.

Mas essa distância está diminuindo: no ano passado, conseguia me ver a cinco passos. Na frente do espelho, faço carinho na cabeça de Ótimo Turcaret e também aliso meus cabelos, já que estou aqui. Nestes tempos, a mamãe tem gostado de me fazer marias-chiquinhas. E aí se me despenteio! Ela gosta tanto das marias-chiquinhas que me deixa com elas até para dormir.

O papai aparece só com a cabeça e diz para eu “me empijamar” e escovar os dentes. Eu digo que sim, mas sempre paro na janela por um tempão antes de obedecer. Da janela do meu quarto, dá pra ver um bom pedaço de céu escuro. Eu gosto de ficar olhando para fora nas noites de outono como esta, porque não faz frio e dá para ver a lua e a Estrela Polar, que brilham muito. Mamãe diz que elas são o lampião e o fósforo de Jesus. Pra mim, o mais importante é checar todas as noites se elas ainda estão ali.

Antes de dormir, o papai vem ler uma história para mim. Agora estamos na metade de *Robin Hood*, que me faz ter sonhos cheios de bosques e de flechas. Depois, geralmente chega a mamãe, que arruma ao redor do rosto as minhas marias-chiquinhas no travesseiro e me diz boa-noite com hálito de picolé de menta.

Mas esta noite entram os dois juntos e se sentam na minha cama, um de cada lado. Dizem que perceberam que estou enxergando um pouco menos e que por isso decidiram que vou fazer visitas muito especiais na semana que vem. Eu não gosto de faltar na escola, porque perco informações importantes

(quanto tempo demorou para construírem as pirâmides?) e fofocas (é verdade que a Clara e o Gianluca do 4ºC estão juntos?). Mas não falo nada na frente dos meus pais. Espero os dois saírem e apagarem a luz, então acendo o abajur do meu criado-mudo e passo os dedos na borda dos livros que tenho acima da cabeceira da cama, em uma prateleira. Pego um caderno com o canto da borda amassado.

Apoio o caderno no travesseiro. Na capa tem uma etiqueta que diz: A LISTA DE MAFALDA.

Esse caderno é meu caderninho pessoal. Na primeira página tem uma data:

*14 de setembro*

Faz três anos e onze dias. Depois está escrito:

*Coisas que eu gosto muito*

*(e que não poderei mais fazer)*

Não é uma lista muito grande. Para dizer a verdade, são só três páginas, e no início da primeira está escrito:

*Contar todas as estrelas que aparecem à noite*

*Pilotar um submarino*

*Fazer sinal de boa-noite com a lanterna pela janela*

*Alerta vermelho. Óculos embaçados.*

A vovó morava bem em frente a nós, na casa vermelha com as cortinas de renda onde agora mora um casal que nunca cumprimenta ninguém, e que trocou as cortinas. A vovó era mãe do papai, tinha cachos como o papai e eu, mas brancos, e sempre me fazia sinais com a lanterna antes de dormir. Uma piscada significava “estou chamando você”. Duas, “boa noite”. Três, “para você também”. Mas isso era antes, quando eu ainda me via no espelho a nove passos de distância.

A segunda página eu não deixo ninguém ler, nem Ótimo Turcaret, porque é muito, muito secreta.

Na terceira página, está escrito:

*Jogar futebol com os meninos*

*Inventar caminhos na calçada que, se cair, vai parar na lava e morre*

*Jogar basquete com bolinhas de papel*

*Subir na cerejeira da escola*

Eu escalei a cerejeira da escola um monte de vezes desde o dia em que cheguei no ensino fundamental. É a minha árvore. Nenhum outro menino consegue subir tão alto quanto eu. Quando eu era mais nova, fazia carinho no tronco dela, dava abraços nela... era a minha amiga.

Foi na cerejeira da escola que achei o Ótimo Turcaret. Ele estava morrendo de medo e era cinza e marrom como agora, porém mais feio. Era tão pequeno que consegui levá-lo para casa no bolso do uniforme, e só quando tirei ele do bolso e coloquei em cima da mesa da cozinha meus pais se deram conta de que era um gatinho muito pequeno. Ainda não se chamava Ótimo Turcaret, ainda não tinha nome.

Depois de um tempo que ele estava conosco e já me seguia por toda parte, até mesmo na escola, papai me deu de presente seu livro favorito, *O barão nas árvores*. Ele lia para mim de noite, antes de dormir. Foi assim que conheci Cosme, um menino mais velho que eu – só um pouco – que vivia em uma época cheia de pessoas com peruca que queriam obrigá-lo a fazer tarefas muito chatas e a comer pratos nojentos. Também conheci o bassê que tinha dois nomes, e decidimos que Ótimo Turcaret tinha mesmo cara de Ótimo Turcaret, ainda que o nosso gato não tenha dois donos como o bassê, que se chamava Ótimo Massimo quando estava com Cosme e Turcaret quando Viola, sua dona verdadeira, retornava.

No livro, o meu personagem favorito é o Cosme: eu gosto tanto que ele tenha ido morar nas árvores e que não desça mais porque quer ser livre. Eu não seria tão corajosa. Um dia, tentei construir uma casinha entre os galhos da cerejeira com papel higiênico, mas começou a chover e os muros derreteram. Mas o que eu preferia mesmo era quando eu levava lá pra cima um gibi para ler em um galho dividido no meio. Eu ainda enxergava bem.

Desde o primeiro ano, faço todos os anos exames dos olhos

com gotas que ardem. Os médicos chamam as gotas de “rutina”. Mas parece que as visitas muito especiais da semana que vem serão um pouco diferentes, porque a chama que tenho dentro dos olhos está se apagando muito depressa. Muito, muito, muito depressa. Quem me explicou foi a oftalmologista, que não é alemã como o senhor Stargardt e não descobriu coisa nenhuma, mas sempre me dá um lápis com uma borrachinha colorida em cima. Ela me disse que para algumas pessoas essa luzinha se apaga quando elas estão velhas, mas para outras isso acontece antes. Quando a minha se apagar completamente, ainda serei pequena.

Vou ficar no escuro, ela me disse.

Mas agora não quero pensar nisso, agora só quero sonhar com os bosques e as flechas de Robin Hood.

Fecho meu caderninho e apago a luz.

*Cosme, me dá uma mão?*

*Você, sim, é capaz de fazer tudo, e é bom. Eu sei porque no livro você lia histórias para o bandido mesmo depois de ele ter feito muitas coisas ruins, você lia para ele entre as grades da prisão até o dia de sua condenação à morte. Agora pense, e para mim? Quem lê? Quem vai ler histórias quando eu ficar no escuro e mamãe e papai estiverem no trabalho?*

*Se nem mesmo você, que é amigo das árvores assim como eu, me der uma mão, vou acabar não falando mais com você. Pior, não penso mais em você. Você tem que encontrar um jeito de me ajudar, mesmo que seja em segredo, não precisa me contar, é só encontrar. Caso contrário, vou fazer os galhos de baixo do seu traseiro desaparecerem com meu pensamento e você vai cair na lava onde tem crocodilos, ou no chão, que pra você é ainda pior, já que jurou que jamais desceria das árvores.*

*A Estella sempre diz que podemos nos virar sozinhos, que não precisamos de nada. Quer saber? Eu preciso de algo, sim. Promete, Cosme? Me dá uma mão?*



### 3

## Brincando de amazonas

Foi a Estella que me deu a ideia da lista há três anos e onze dias, quando veio da Romênia para trabalhar como faxineira na minha escola.

Eu estava no pátio, em cima da cerejeira, o sinal estava tocando e eu não conseguia descer.

— Não consegue *descê*, né?

Lá da árvore olhei para baixo, apertando os olhos, e afastei um galho cheio de folhas amarelas. Perto do tronco, de braços cruzados, estava uma senhora da limpeza que eu nunca tinha visto na escola. Era alta, tinha os cabelos escuros, e mesmo sem poder ver bem de que cor eram seus olhos, eu senti que eram muito grandes e muito pretos, e quase me davam medo.

— Eu ajudo. Depois você *ir* pra aula.

Imaginei que fosse estrangeira. Fiquei sem me mexer na árvore. Estava morrendo de medo de cair.

— Coloca pé ali. — A senhora com os olhos assustadores apontava um pedaço de tronco saliente, um pouco abaixo de mim. Eu ficava firme no galho em que estava sentada.

Tentei estender uma perna, mas acabei escorregando e a casca da árvore me arranhou. Voltei no mesmo instante para a posição em que estava antes.

— Não vou descer.

— E vai ficar aí *tuda* vida?

— Sim.

— Então, tchau! — disse enquanto começava a caminhar em direção à escola. Deu pra ouvir um *crec* debaixo dos seus pés. Ela se abaixou e pegou os óculos vermelhos do chão.

Estavam no meio das folhas.

— E isso? É seu?

— São os meus óculos! Eles caíram enquanto eu subia na árvore. Agora não consigo mais descer!

— Não precisa chorar! — A senhora com os olhos negros voltou para perto da árvore. — Eu *tumbém* na Romênia sempre estava em cima das árvores. Eu gostava de brincar lá em cima, no alto.

Eu funguei com o nariz e perguntei do que ela brincava.

— Eu brincava de... como se fala... amazona. Sabe o que é amazona?

— Não. O que é?

— É uma guerreira a cavalo, como um homem. Que não tem medo de *descê* da árvore.

— Mas ela não precisa de óculos.

— Não. Ela é muito forte. Não tem medo de nada. Ela *arancou* um pedaço do peito para *caregar* a lança.

— Um pedaço do peito?

— Sim. A avó da avó da minha avó era de família amazona. Faz muito tempo.

— Não é verdade.

— Claro que é verdade.

A senhora com os olhos negros que me davam medo arregaçou as mangas da camisa bem rápido e começou a subir na árvore. Eu me segurava forte no meu galho. Quando chegou à altura em que eu estava, sentou-se em um galho como se estivesse montada em um cavalo.

— *Vio?* Amazona.

— Mas e agora? Como fazemos para descer?

Ela pegou os óculos do bolsinho da camisa e me entregou. Eu coloquei na hora. Estavam um pouco tortos e sujos de terra, mas me ajudavam a enxergar melhor.

— Agora, vai — disse a faxineira dos olhos grandes. De perto pude ver que ela estava com um batom cor-de-rosa bem forte. Ela começou a voltar, tão depressa quanto tinha subido.

— Espere!

— O quê?

— Eu não quero descer.

— Mas por quê, meu Deus? Desce que eu preciso *trabaiar*!

Eu não queria que ela perdesse tempo. Ela foi boa comigo me trazendo os óculos, mas eu não queria descer porque, no dia anterior, a doutora Olga tinha me dito que eu tinha uma coisa ruim nos olhos, e eu estava assustada.

Eu preferia ficar ali, assim nada de ruim poderia me acontecer.

Contei para a senhora. Contei também que eu não enxergava muito bem e que iria piorar. E contei que eu não queria não poder mais subir em árvores. Ela tinha os olhos enormes, pintados com um contorno preto.

— Se não vai mais poder fazer as coisas, você tem que escrever lista. Assim você não perde nenhuma.

— Uma lista?

— Sim. Uma lista. Eu *tumbém* fiz uma há anos.

— Você também enxergava pouco?

— Não.

— O que você tinha, então?

Ela bufou e começou a descer novamente da árvore.

— Eu tinha menos problemas que agora, com você me enchendo.

Eu a segui bem devagar, me deslocando no meu galho. Fiquei um pouco chateada com o que ela disse, mas estava curiosa.

— E o que tinha na sua lista?

— Desce e eu mostro. Como é o seu nome?

— Mafalda. E o seu?

— Estella.

A Estella pulou do galho mais baixo da cerejeira e se virou para mim. Eu também fui até um galho baixo e pulei. Ela me pegou no ar e me colocou no chão. Depois foi para a entrada da escola, mas antes me chamou com a mão.

— Estella não mente, só diz a verdade. Vamos ver lista da Estella.

Agora eu vejo a Estella todos os dias na escola.

Quando chego, às dez para as oito, ela está na porta me esperando e usa um código secreto para me chamar, que não é tão secreto assim porque todo mundo ouve: é um assobio tão forte, de estourar os ouvidos, e só ela sabe fazer, com os dedos na boca. Eu ouço de muito, muito longe e vou ao encontro dela.

Só que antes eu paro pra cumprimentar a cerejeira. Da rua por onde eu passo com o papai todas as manhãs, dá para ver ela de longe (um pouco longe só). Na verdade, na minha frente aparece só uma nuvenzinha colorida, mas eu sei que é a árvore, quer dizer, os seus cabelos, se ela fosse um gigante do bem como eu imagino. A vovó dizia que no tronco das árvores sempre mora um gigante, que é o espírito da árvore, que muda de árvore quando cortam o tronco. No jardim da vovó também tinha uma cerejeira: desde muito pequena, eu subia nela e ajudava a vovó a colher as cerejas maduras. Eu nem precisava de óculos.

Com as cerejas da árvore da vovó, fazíamos um doce e também uma marmelada para guardar para o inverno. Mas depois tivemos que cortar a cerejeira, porque ela estava doente de piolho, apesar de eu achar que era só ter cortado as folhas. Quando pegamos piolho na escola, apenas cortam nosso cabelo em vez de nos matarem.

Quando cortaram o tronco, eu decidi que o gigante tinha ido morar na cerejeira da escola e tinha levado com ele o espírito da vovó. Seria divertido contar os passos entre o ponto em que consigo enxergar a minha árvore e o ponto em que ela está. Assim eu saberia o quanto estou perto do gigante da

vovó. Eu me esforço e aperto bem os olhos e, finalmente, lá está: uma mancha vermelha, amarela e laranja como as perucas dos palhaços, está desfocada, mas está lá. A escola está ali perto, é uma nuvem azul. Começo a contar: um, dois, três...

— Mafalda, se você continuar andando desse jeito, vamos chegar atrasados — disse o papai me puxando pela mão.

— Papai, quanto mede um passo meu?

— Ah, não sei. Mais ou menos meio metro. Você é bem alta pra sua idade.

Continuo contando. Conto trinta passos e escuto o assobio da Estella. Trinta e cinco, trinta e seis... Quarenta, cinquenta, cem... Chegamos ao portão da escola. Ela vem ao meu encontro, cumprimenta o papai e me acompanha para dentro. Pego uma folha perto da árvore. Está úmida, na frente é amarela e atrás é marrom. Tem uma forma superperfeita e cheiro de terra. Como quando eu fazia jardinagem com a vovó. Guardo a folha no bolso.

Dei cento e quarenta passos para chegar até a cerejeira do ponto onde consigo enxergá-la.

Setenta metros.



PARTE DOIS

*Sessenta metros*



## 4

### A parte do meio do olho

Pra mim, a segunda página da minha lista é a mais importante e, como ela é supersecreta, eu a deixei escondida entre as outras duas; assim, se alguém rouba meu caderninho pessoal e lê a primeira página, vai pensar que não tem nada de especial depois.

Pra dizer a verdade, a primeira e a terceira também são importantes, mas a segunda é mais porque eu escrevi coisas que eu não falaria para ninguém. Sherlock Holmes usa muito esse truque para as coisas secretas, por isso pensei em usá-lo também.

Daqui a pouco vou ver a doutora Olga. Espero minha mãe terminar de se maquiar enquanto finjo que estou fazendo carinho em Ótimo Turcaret na varanda. Na verdade, estou disfarçando para olhar a segunda página da lista. Estella me disse pra não fazer isso, porque o que eu escrevo aqui ou eu deixo ir embora ou eu levo comigo e ponto. Eu não entendi muito bem essa frase. Decidi que, se eu tiver vontade, vou ler a segunda página até eu ter certeza de que entendi.

Escuto os passos da mamãe vindo lá de dentro. A mamãe sempre coloca salto para ir à médica. Fecho correndo o caderninho e o escondo debaixo da espreguiçadeira.

— Está pronta? Vamos.

Vou pensar de novo naquela frase da Estella. Ela diz tantas frases assim que acho que vou ficar no escuro antes de conseguir entendê-las.

A doutora Olga tem olhos verdes, me parece.

Ela se senta em sua mesa e me dá de presente um lápis com borrachinha de dinossauro.

— Não tem um com as divindades egípcias? — pergunto.

A mamãe, que está sentada do meu lado, me dá uma cotovelada. O papai também veio, está com um casaco bonito por cima do macacão de trabalho. Ele saiu para comer, mas hoje deve ficar com a gente no hospital porque saíram os resultados do meu exame. A médica responde que vai procurar um lápis com deuses egípcios caso outras crianças lhe peçam também. Depois ela fica toda séria.

— Senhores, a situação não é boa. Nos últimos meses, a retina da Mafalda afinou rapidamente até o limite máximo que o tecido pode tolerar. A mácula...

— A parte do meio do olho. — Eu a interrompo, assim papai e mamãe entendem melhor. — Estudamos isso na escola.

— Exatamente. A mácula da Mafalda está muito comprometida, como confirmam os testes.

Eu não tenho certeza daquilo que ela está falando, penso que talvez podia ter me empenhado mais no teste: não fiquei realmente parada quando colocaram os fios nos meus olhos, e durante o teste do ponto vermelho eu cheguei até a dormir! Estou tentando dizer isso para a médica, mas ela continua falando com a voz tão baixa que eu preciso colocar a orelha inteira na direção de sua boca para conseguir ouvir.

— A rapidez com que a doença está progredindo não nos dá esperanças. Sendo otimista...

— Quanto? — o papai pergunta com a voz ainda mais baixa, como nunca acontece.

— Sendo otimista, seis meses.

O papai e a mamãe murcham na cadeira, como balões furados. Eu chego mais perto da mesa e pergunto à médica:

— Seis meses para quê?

Ela me olha através de seus óculos com as lentes finas:

— Para você não enxergar mais, Mafalda.

— Então eu vou ficar no escuro mesmo?

Ela fica um instante em silêncio. Depois diz somente:

— Eu sinto muito.

Meus óculos ficam embaçados.

Certas notícias deveriam ser dadas sempre com um gato junto para abraçar.



## 5

# Ter um melhor amigo

Voltando da consulta, pego Ótimo Turcaret para usar como coberta para o meu cochilo com sonho.

Eu comecei a sonhar durante os cochilos no ano passado, quando o meu primo André ficou noivo da Ravina, que me ensinou uma coisa chamada meditação, que é um modo de fazer com que seus sonhos sejam bons, mesmo que você esteja triste ou bravo ou não tenha tanto sono. Precisa ficar bem quietinho e imaginar a parte de dentro do corpo, o que não é uma coisa fantástica no começo, mas, depois que você se acostuma, em vez de pensar no sangue que corre nas veias e no cérebro, você fica sem pensar em nada. Ou pelo menos comigo acontece isso. Os barulhos da casa tocam meu rosto como ondas de carinho, como o soar de sinos distantes, e assim eu pego no sono. É nessa hora que os sonhos chegam.

Nesse cochilo eu tive um sonho lindo.

Sonhei que subia na cerejeira da escola, no ponto mais alto, lá em cima. De lá eu conseguia ver a cidade toda, aliás, o mundo todo. Aí abri os braços e comecei a voar, cheguei até o teto da escola, e mais alto ainda. E no final fui embora. Voei até a lua e a Estrela Polar, mas enxergava bem todas as outras estrelas também, e joguei futebol com a vovó, que era a goleira.

Clara está aqui pra brincar comigo, mas não de futebol. A mamãe que chamou ela, mesmo eu querendo ficar sozinha. Estou aprendendo a ler com os pontinhos do braile. O livro que Estella me deu pra treinar é muito bonito e também um pouco estranho, o nome é *O Pequeno Príncipe*. Ela comprou esse livro na Amazon. Mas Clara é minha amiga desde o jardim de infância e não posso fingir que ela não está aqui. Na verdade faz um tempão que ela não vem brincar na minha casa e que

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A distância até a cerejeira"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).